

Coordenação e edição: Ana Teresa Alves (FCSH-UAc - ana.tc.alves@uac.pt)

Férias, feiras e festas

Autora:

Margarida Sá Nogueira Lalandi
(CHAM; CHAM-Açores).

Férias! Pensamos logo em dias de descanso, prazer, festas, atividades diferentes do tempo de trabalho ou estudo. Já os antigos Romanos pensavam assim, e até iam mais longe: nos dias de férias devidas a festas religiosas, as guerras eram suspensas, os inimigos faziam em conjunto sacrifícios às mesmas divindades, realizavam-se feiras e mercados aproveitando tais ocasiões de pausa e convívio. Assim, as palavras “férias” e “feiras” acabaram por se entrelaçar, imbuídas de um espírito festivo. Com o tempo, “féria”, no singular, tornou-se no nome dado ao dinheiro conseguido por um vendedor em dia de feira; curiosamente, por semelhança, a palavra veio a significar também o pagamento dum dia de trabalho.

Na língua portuguesa, em cada semana há sempre cinco “feiras”: “segunda-feira”, “terça-feira”, “quarta-feira”, “quinta-feira” e “sexta-feira”, que nos outros idiomas derivados do Latim continuam a ser, respetivamente, o dia da Lua, o de Marte, o de Mercúrio, o de Júpiter e o de Vénus. A razão para tal é histórica e muito interessante: em 563, no tempo dos Suevos, o 1.º Concílio de Braga aprovou a proposta, do bispo Martinho de Dume, de os cinco dias anteriores ao sábado e ao domingo de Páscoa passarem a ser uma sequência numerada de “férias”, porque, além de neles



já haver celebrações religiosas, se considerou inaceitável que cristãos usassem ainda nomes de deuses pagãos e de corpos celestes para designar os dias da Semana Santa. Como, para o cristianismo, o dia primeiro e o mais importante da semana é o do Senhor (do “Dominus”), foram então atribuídos os números 2 a 6 (em Latim: “feria secunda” até “feria sexta”) aos que se seguem ao Domingo de Ramos. Esta prática generalizou-se depois a todo o ano, e assim se mantém até hoje como característica exclusiva da nossa língua. Qualquer dia da semana acolhe bem uma festa coletiva pública. As de origem religiosa continuam a ser as mais numerosas; a

dimensão profana, presente também nelas, diversificou-se ao longo dos tempos, com trovadores, jograis e saltimbancos medievais, adivinhos, dançarinas, domadores de animais e contadores de histórias nos séculos XV e XVI, luzes e engenhos mecânicos caros e admiráveis no Barroco, filarmônias desde o século XIX. Das épocas passadas, permanecem vivas nos Açores muitas festividades da tradição portuguesa: procissões, sermões, bodos do Espírito Santo e outras refeições partilhadas, danças e bailes, cantorias, músicas tocadas em grupo, fogo-de-artifício, touradas, cortejos e desfiles a pé ou a cavalo, iluminação especial de ruas e praças, brincadeiras e convívios de Carnaval, representações teatrais variadas. Em todas elas vive e constrói-se cada comunidade, que também assim se vai fortalecendo e perdurando; por isso, há que conhecer as tradições e a História, percebê-las e divulgá-las.

É a tua vez

1. Grava no telemóvel entrevistas tuas a adultos de várias idades sobre as suas férias e festas de há uns anos e as diferenças relativamente às de hoje.
2. Regista em texto e em imagens (desenhos, pinturas, fotografias) pelo menos uma festa pública a que assistas neste Verão, e marca a data, o local, o motivo, o que conseguiste saber sobre ela e como, e o que sentis-

te ao vê-la ou ao participar nela.
3. Faz a lista das festas ao longo do ano na zona onde moras e anota as informações que obtiveres sobre cada uma delas (o que celebra, como se prepara, em que consiste).



Leituras

No livro *Ponta Delgada: A terra dos homens, o tempo dos ritos e a comunicação das artes*, escrito por Rui de Sousa Martins e publicado em 2012 (Gráfica Açoriana), encontras muitas e interessantes informações e fotos sobre as nossas tradições e festas.



Nota: Na última edição da rubrica, por lapso da editora, escreveu-se que John Dewey fundou uma escola-laboratório na cidade de Chicago em 1986, quando se devia ter escrito em 1896.